

Versão

Nacional

## Sarney ocupa antigo perfil

Rio — Os saudosistas da ação do ministro Petrônio Portella têm geralmente perguntado: "Como ele se comportaria para resolver a crise política mineira?". Evidentemente os portelistas acreditam, que a solução teria vindo da melhor maneira possível, de modo a não deixar sequelas como a da necessidade de uma reunião do comando nacional do partido, ontem realizada, para ratificar os termos do acordo estabelecido em Minas pelo senador José Sarney.

Acreditam nisso antigos colaboradores de Portella porque já o tinham visto, por exemplo, falar ao telefone com o governador Francelino Pereira com uma tonalidade não exatamente gentil. Era, ali, o ministro da Justiça que reclamava asperamente do governador de um dos mais importantes Estados da Federação providências mais objetivas do chefe do executivo estadual no campo político.

É assim foi também com relação a outros governadores e a outros chefes políticos. Quando perdia o contato pelas boas maneiras e pela interlocução cheia de afabilidades, o falecido ministro da Justiça costumava vivenciar de tal modo sua ação política que chegava a bradar com seus interlocutores.

Talvez essa carga de personalismo fosse capaz de lhe criar outros tipos de dificuldades institucionais, mesmo se não tivesse morrido. Mas o fato é que teria equacionado o problema político mineiro sem os custos que causou para o governador, que teve de envolver a própria autoridade do presidente da República em um episódio que ainda orbitava no universo da ação política. Haveria que esgotá-la, antes de o governo chegar às suas últimas instâncias, a fim de preservar a autoridade presidencial que hoje se vê associada a uma facção partidária de Minas, por preferência casuística ou mesmo estratégica.

Quem sabe os tempos exijam hoje outro tipo de comportamento político, agora no sentido colegiado e menos em termos de individualismo, que não mais justificariam, por exemplo, a resposta dada pelo antigo ministro da Justiça ao governador de um importante Estado brasileiro do sul, que lhe telefonou para dizer que o comandante militar da área estava reagindo contra a aplicação de medidas relacionadas com a abertura democrática. "O que o Sr. então faz sentado nessa cadeira?" — foi o a resposta de Portella. Nunca mais vieram telefonemas nesse sentido.

Um pouco de energia provavelmente fosse o suficiente para solver problemas como o da composição do PDS mineiro, mas atrás dessa aplicação de energia, se não estivesse um político de extrema confiabilidade, tanto nos setores militares como nos redutos da oposição, ela de nada adiantaria. Ficaria sendo a externalização energética de uma espécie de Kung-Fu político, que reclama e reage, mas nada resolve. Petrônio Portella conjugava a sutileza com a explicitação de vontade do poder, e nunca se expunha. Quando os fatos apresentavam situações incontornáveis, deixava com que eles se decantassem por si próprios. Nunca apressava os acontecimentos.

O senador José Sarney está sendo um bom continuador desse trabalho de Portella, na medida em que consegue fazer num fim de semana o que muitos não fizeram em dois meses. Ex-governador e senador, como o falecido ministro, Sarney sabe administrar o tempo político e conhece o repositório das fraquezas humanas. Sabe lidar com a paciência e gosta de se assessorar bem. Em Minas esses conhecimentos lhe foram exigidos na totalidade e certamente o presidente do PDS marcou um tento político a levar para as muralhas de Brasília uma solução de consenso.

Esse foi o primeiro resultado da ação política colegiada do governo, e para ele ora é deslocado para o Front o ministro da Justiça, ora o presidente do PDS, quando não o chefe do gabinete civil ou o próprio presidente da República.

O desafio, nesse colégio de ação coletiva, será encontrar aquele termo de confiança recíproca entre seus membros, que marcou, ainda como exemplo, as relações entre o ex-presidente Geisel e seu principal instrumentador político, o senador Petrônio Portella. Ousando diante de quem concentrava todas as informações, revelando permanentemente uma aura de sapiência que tornava intimidador o contato político — Portella certa vez advertiu Geisel para a conspiração presidencial do general Frola. O presidente ficou mudo e não fez qualquer gesto que significasse ter absorvido a conversa. Com o crescimento das articulações do grupo frotista no Congresso, Portella foi pela segunda vez a Geisel com o mesmo assunto. Nada de resposta. Quando voltou ao Senado, comentava com um assessor: "Hoje arrisquei-me a me tornar irreverente junto ao presidente".

Mas as articulações continuavam. O senador piauiense foi pela terceira vez a Geisel e desta vez ele apenas franziu o cenho e lhe respondeu: "Já estou tomando providências". E nada mais lhe disse. Poucos dias depois, a crise estava superada. Um homem de paciência e que sabia administrar o tempo propiciou a vitória palaciana. E hoje?

Leonardo Mota Neto